

# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 7500

## EDITORIAL

O caso dos passeios nas ruas de Fão, principalmente na estrada n.º 13, junto ao chalé, tem dado muito que falar e já chegou à própria Assembleia Municipal.

Segundo nos disseram, o Presidente da Câmara reiterou os protestos de inocência já veiculados pelos autarcas fangueiros: trata-se de uma iniciativa da Junta Autónoma das Estradas que por sua conta e risco traçou as directrizes necessárias à funcionalidade da obra.

## AINDA OS PASSEIOS

Insistimos em que esta atitude de lava mãos não almeja a inocência que se lhe pretende atribuir. A JAE e outros organismos estatais podem projectar as obras que desejarem nos concelhos da sua área. Só que esses projectos, para vingarem, têm que levar **todos** o **nihil obstat** dos respectivos autarcas que gozam do privilégio de impedirem por todos os meios a efectivação dos trabalhos que no seu entender se revelem nocivos às terras sobre que superintendem. Ele é com efeito um magistrado administrativo que usa do poder directo e indirecto.

A propósito, vem-nos à memória um episódio ocorrido há anos com o P.e Sá Pereira na sua qualidade de Presidente da Câmara. Em véspera de umas eleições, apareceram-lhe uns indivíduos da Pide que vinham prender o dr. Alceu. Era o costume. «Prender esse rapaz — disse-lhes o «Padre» — nem pensar nisso. Daqui ninguém vai preso. Quem manda aqui sou eu». E o certo é que os agentes meteram o rabinho entre as pernas e lá se foram sem a sua presa. Nessa vez assim aconteceu.

E o velho Agonia, quando se deu o caso das hóstias (lembra-se?) só não «embarcou» para o Porto porque o «Padre» o foi «sacar» ao posto da G.N.R. de Esposende para onde a Pide o tinha conduzido. Perguntem-lhe.

Bem e porque é que os fangueiros se obstinam tanto contra os famigerados passeios?

O que aconteceu frente ao cemitério

(Continua na pág. 2)

## O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

### MANUEL PINTO DE AMORIM CAMPOS

Biograficamente pouco há a dizer sobre este benemérito, mas o seu nome continuará a manter-se indelevelmente na memória dos fangueiros. De facto, os jornais que existiam na terra são todos posteriores à data da sua morte e a pessoa que ainda foi sua coetânea, a Miquinhas Turra, quase nada nos pôde informar acerca deste conterrâneo. É possível que as actas da Junta de Fão contenham quais referências à sua pessoa mas o volume que corresponde aos fastos dos finais do século passado, isto é, o terceiro, encontra-se talvez «empresta(dado)» a Esposende — é que já lá vão 8 anos — e daí a nossa dificuldade em conseguir elementos seguros.

Sabe-se que foi um dos «brasileiros» bem sucedidos que não esqueceu nunca a sua terra, acabando por lhe doar em 1896 o edifício das escolas que hoje felizmente ainda conserva o seu nome.

Nessa altura a riqueza de Fão andava embarcada ou morava no Rio de Janeiro. Queremos dizer com isto que, naquele tempo, uma parte dos homens de Fão ou estacionava nos navios onde por vezes atingia cargos de responsabilidade — ainda no último número deste jornal o «fãonático» Óscar Fangueiro referia o nome do capitão Domingos da Costa Carvalho, aqui nascido e baptizado — ou mourejava em solo brasileiro atingindo, por vezes, postos de relevo. O resto da população fangueira vivia da pesca (!) ou da terra. Não conhecemos as estatísticas mas não andaremos muito fora da certeza se afirmarmos que o restante da população (masculina)

— carpinteiros, trolhas e pedreiros — não ultrapassava os 30%, e aí se incluíam também os homens ligados à construção naval.

Diz a propósito o Tomo IV das Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, pág. 308 §: «LXVIII: «Esposende tem cento e vinte pescadores e Fão cento e setenta e dois, aqueles pescam no mar todo o ano ocupando-se em diversos géneros de pescarias, e no rio Cávado: no mar não tem a actividade dos de Fão excepto na pescaria da sardinha; fora desta a maior distância da terra a que vão pescar não excederá quatro léguas: passando de doze aquela aonde os fangueiros extendem as suas pescarias no tempo de verão».

E mais à frente, § LXX: «Esposende tem quinze pequenas lanchas de um só mastro; porém, em Fão, contam-se nove grandes e dezasseis bateis: cada lancha dos fangueiros leva dezoito pescadores, incluindo-se neste número três até cinco rapazes, e cada batel dez, entrando nestes também dois rapazes. Cada lancha leva cinquenta redes e cada batel, vinte e cinco».

Só mais este cheirinho: «A quantidade anual de peixe que se pesca nesta costa (de Viana) apenas poderá chegar a 4.200 arrobas... não há o suficiente para o consumo ordinário; antes é preciso vir grande quantidade dele de Fão, Caminha e algumas vezes da Galiza».

Manuel Pinto de Amorim Campos nunca foi pescador mas sim um comerciante próspero que entendendo homenagear a terra, ofereceu para os seus filhos um moderno e amplo edifício escolar.

Foi uma longa caminhada aquela que a Humanidade teve que percorrer desde os tempos em que a assistência social e escolar estava entregue à Igreja e a alguns devotos até aos dias de hoje em que a filosofia do Estado o responsabilizou na realização daquela dupla vertente. Sim era uma questão de filosofia e uma questão de cobrança de impostos. Lembremos que a sisa só começou a ganhar corpo a partir de D. João I (finais do século XIV). Era então aplicada «a toda a compra, venda ou troca de quaisquer mercadorias»(!).

Em qualquer hospital dos antigos — no nosso também — estende-se pelas paredes mais vistosas uma galeria de beneméritos que um grande número se substituíram ao Estado para resolver os problemas de assistência social. Nas escolas destacam-se os retratos dos beneméritos que optaram pela assistência escolar. Amorim Campos optou pela cultura. Não sabemos em que área se deve colocar o acento das prioridades: se na saúde, se na escola. Inegavelmente que amorim Campos velo

(Continua na pág. 2)

### ESCOLA PRIMÁRIA: UMA ESCADA PARA A VIDA

Educar é evoluir, é aumentar os conhecimentos e reforçar o carácter é o caminhar do ser imperfeito para o ser perfeito.

Na educação intervêm as escolas, a família, os amigos, os grupos onde o indivíduo se insere; são as leituras, são os espectáculos, são as companhias.

Daqui se infere que o ser humano está sempre a prender, que o mesmo é dizer, está sempre em caminho para a evolução.

Poderemos hierarquizar o grau de influência de cada um dos factores assinalados atrás? Talvez não, mas a Escola Primária abre-nos para o mundo, abre-nos para os armazéns do saber, passado e actual, que são os livros e outras fontes de leitura. Abre-nos para o campo da amizade e do companheirismo, em suma, abre-nos para a vida.



# EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

desabona muito a sensibilidade e por arrastamento a competência e sobretudo a cultura do técnico que mandou destruir o passeio de pedra que lá existia. Tratava-se de uma obra de cantaria que ajudava ou melhor, complementava a imponência do nosso cemitério na parte nascente. Mais uma vez lembramos os anéis circulares feitos na frontaria de um banco portuense, sito na fachada poente da Avenida dos Aliados. Aquilo era só uma agressão artística tal como sucedeu no nosso cemitério. A Câmara do Porto redimiou-se da sua distração obrigando o banco a restituir ao local a pureza do estilo primitivo. É o que se deve fazer agora no passeio frente ao cemitério.

Junto ao chalé é que a discórdância é total. A estrada ficou muito estreita e muito perigosa. Não para os automobilistas ou camionistas, não para os peões, mas... esqueceram-se dos ciclistas e motociclistas e eles circulam em grande quantidade nas horas de ponta.

O mesmo perigo espreita os passantes motorizados no espaço que vai da antiga Garagem Imperial ao edifício das Escolas Amorim Campos. Mas aí houve que proteger os peões porque o espaço não dava para mais. E depois deixaram crescer os novos edifícios até à estrada no campo que pertenceu a Adelino Saraiva do que resultou um afunilamento definitivo daquela zona.

De resto, no interior de Fão e na nova rua das Rodas os passeios que ornar a via, emprestam-lhe graciosidade. São ruas estreitas, é verdade, mas aí o uso dos veículos de duas rodas não é significativo.

## O PERFIL DE HOJE

(Continuado da pág. 1)

tapar uma grande lacuna em Fão. Falta um recinto para ministrar aulas com um número de conforto e dignidade. O tempo em que Amorim Campos se tornou num dos maiores beneméritos da terra, esta era caracterizado por uma extrema pobreza que fazia a *entourage* a um topo cimentado por brasileiros e capitães. Concretizando melhor: os pedintes em Fão eram muitos. Era de uso cotidiano muitos homens e mulheres de Fão darem uma volta pelas aldeias em redor, Fonteboa, Gandra, Gemeses e Rio Tinto, e também Apúlia, de onde traziam broa, milho, batatas e couves que eram a base da sua alimentação (tanto de dadores como de pedintes). No cimo, colocavam-se «brasileiros» e comandantes de navio cuja presença se fez sentir nos belos mausoléus do cemitério e nas casas abrasiladas que ainda hoje testemunham os esplendores dessa fase de vida de Fão.

Amorim Campos destacou-se ainda na fundação do Clube Fãozense, adquirindo o maior número de acções, 26, ao lado de António Correia Leite, dr. Moreira Pinto, Francisco Campos Moraes e João Carlos Gonçalves. Estes seriam na altura os maiores ricos de Fão.

Tanto quanto nos é possível concluir, Amorim Campos seguia aquele princípio: não dê peixes aos pobres: ensina-os a pescar. Daí a nossa homenagem. Daí a razão de ser deste perfil.

(1) «Nova Enciclopédia Portuguesa».

## TINTURARIA CONDENADA

No dia 11 de Março o Tribunal Judiciário de Guimarães condenou o industrial vimaranense Carlos Pimenta Machado a 720 contos de multa ou, em alternativa, a 60 dias de prisão em virtude de estar a deteriorar os recursos aquíferos de Joane através dos efluentes de uma tinturaria.

O advogado de acusação disse ao «Jornal de Notícias» que a condenação do industrial Pimenta Machado era «ética, exemplar e pedagógica, revelando que finalmente os tribunais e a opinião pública começam a tornar-se sensíveis à protecção ambiental».

Assim sendo, não se entende como é que se permite que em Perelhal esteja a funcionar uma tinturaria que lança a água inquinada directamente para o rio, a menos de um quilómetro da captação das águas que abastecem as vilas de Fão e de Esposende.

Está-se à espera que surjam os primeiros casos de hepatite?



## HOTEL DO PINHAL COSTA VERDE



O Hotel, agora com o seu exterior totalmente restaurado, prepara-se para reabrir pela altura da Páscoa.

Admite por isso pessoal, para as seguintes secções:

**MESA E BAR**

**ANDARES / LIMPEZA / ROUPARIA**

**RECEPÇÃO / PORTARIA**

**REMUNERAÇÕES E REGALIAS DE ACORDO COM A FUNÇÃO**

A Gerência faz publicamente saber aos colaboradores habituais, que se não manifestarem pessoalmente (marcação de entrevista) interesse em trabalhar, serão substituídos sem mais qualquer notícia, por aqueles que responderem ao presente anúncio.

TELEF. (053) 981473 — FÃO — 4740 ESPOSENDE



# AS ALMINHAS DO CAIS — FÃO

Por JOSÉ MARIA MACHADO DO VALE

## I PARTE

Muitas vezes, ao olharmos para um monumento, interrogamo-nos sobre a sua origem, o porquê da sua fundação e se está relacionado com alguma lenda.

Pois eu, começo por fazer referência à lendária tragédia das Alminhas do Cais e à origem da sua construção.

Este monumento foi edificado no século XVIII e situa-se junto à antiga passagem do rio.



Durante o período da ocupação românica na península, segundo a lenda, junto ao mar — onde actualmente existe o frondoso Pinhal de Ofir — erguia-se a cidade de Águas Celenas, que uma tempestade de areia fez sumir para sempre. Mais tarde fundou-se a «Villa Nuncupata FANO», no itinerário da via romana para se atingir a cidade de Braga. Mercê das Salinas, a «Villa» foi propriedade de nobres e clérigos, disputada entre eles, pela a sua importância estratégica e económica.

Décadas mais tarde, Fão talvez já uma das maiores freguesias do concelho de Esposende, era atravessada por uma diligência que, do Porto, se dirigia para norte, até à fronteira. Era este, como é de prever, o meio de transporte mais rápido e cómodo para os viajantes da época. Por isso, em Fão, a travessia do rio era feita pelo baixio, conhecido actualmente por Cais.

Numa noite, a diligência, como tantas vezes acontecia, chegou atrasada em relação à maré, pois durante o fluxo da praia-mar, era impossível atravessar a vau. Entretanto, desencadeara-se horrível tempestade. A viagem continuou, apesar disso, mesmo contra vontade dos passageiros. Sempre a todo o galope dos cavalos, a diligência aproximou-se de Fão.

— Mestre — diziam-lhe os passageiros — mais devagar...

— Qu'os diabos os levem! Na...

— P'rá frente, vamos p'rá frente...

— Mais devagar, mestre!

Sem afrouxar a marcha, o pesado veícu-

lo entra nas águas revoltas do rio. A maré atingira o seu máximo dificultando a passagem pelo trilho habitual. Os cavalos, com o impacto sofrido, empinaram-se e fizeram voltar a carruagem. Inicia-se a tragédia. Enquanto os passageiros desapareciam, engolidos pelas águas, o cocheiro e ajudante, vendo fugir-lhes a esperança de continuarem a viver, imploraram o poder sobrenatural:

— Valham-me as alminhas do purgatório...

— Qu'as alminhas m'acudam nesta aflição — berrou o ajudante.

Então, inexplicavelmente, mas com a ajuda das Alminhas, com certeza, atingiram a margem. Entretanto, o povo, apercebendo-se da catástrofe, acorreu em auxílio destas duas almas em perigo.

Levados pelo arrependimento da acção cometida que provocara tão dolorosa tragédia, os dois homens, salvos tão miraculosamente, prometeram a fundação dum nicho dedicado às Alminhas do Purgatório.

(Continua)

## CANÇÃO

*Ergue-te meu amigo  
E vem cantar comigo  
Uma alegre canção.  
Aquele coração  
Que procura cantar,  
Sempre há-de transformar  
A dor em alegria,  
O choro em melodia,  
O mal em redenção.*

*Repara como o trigo na seara,  
Cantando, se prepara  
Para ser saboroso e doce pão.  
E vê como o andorinha,  
Enquanto no beiral faz a casinha,  
Entoa ao sol uma canção de amor  
A fim de sua vida ser melhor.*

*Olha também a abelha pquentina  
A trabalhar zumbido na campina  
E como que a dizer  
Que quem sabe cantar, sabe viver.*

*Por isso, põe cá fora  
O violino calado do teu peito  
E toca a toda a hora  
E canta satisfeito.*

*Verás que a tua vida dolorosa  
Aos poucos será toda transformada  
Em vida jubilosa.  
E sentirás que a tua noite escura  
Terá toda a brancura  
Da risonha e perene madrugada.*

DINIS DE VILARELHO

Dissemos no último número que no edifício da Cooperativa Árvore (Porto) tinha sido inaugurada a primeira das várias exposições que ali vão ser feitas tendo por tema «Quarenta anos de Arquitectura Portuense».

A primeira mostra foi feita com os trabalhos da GALP de que são responsáveis os arquitectos Pádua Ramos, José Carlos Loureiro e seu filho J. Manuel Loureiro.

Podemos dizer que a exposição foi um sucesso tanto que os trabalhos apresentados, ou sejam, as fotografias que fixavam alguns projectos conhecidos por aquele gabinete, foram transmutados para a SNBA, de Lisboa, onde foi feita uma 2.ª edição da mostra do Porto.

O caminho percorrido, ou melhor, feito pelo GALP ao longo de 40 anos custou muito trabalho, muita renúncia, muita persistência e, claro, implicou muita capacidade. Significamente a exposição encontrava-se emulorada pelo célebre poema de António Machado:



A modernidade enquadrada no antigo

«Caminhante, são os teus rastros/o caminho e nada mais./Caminhante, não há caminho/faz-se caminho ao andar./Ao andar faz-se caminho e ao achar-se para trás/vê-se a senda que jamais/se há-de voltar a pisar./Caminhante, não há caminho/somente sulcos no mar».

Entre algumas das obras expostas e a que o fotógrafo soube captar o essencial, pudemos observar o Pavilhão Rosa Mota (Porto), o Hotel D. Henrique (Porto), o mercado de Barcelos, a Agência do Banco Nacional Ultramarino de Braga, a igreja de Valbom, o edifício da Tranquilidade (Porto), Centro Paulo VI (Fátima), capelinha das aparições (Fátima), Hotel Solverde (Granja) e muitos mais.

O arquitecto Pádua fez também o seu caminho a andar. Ilustre desconhecido, o seu nome furou o anonimato ao terminar o curso de arquitectura com 20 valores. Logo o seu mestre José Carlos Loureiro suspeitou nele um mundo de aptidões e trouxe-o para a sua beira. Ambos fizeram um caminho (GALP) que tem a sua meta triunfal na exposição atrás referida. Como corolário da meta alcançada, o Jornal de Notícias seleccionou-o para a secção de perfis afirmando no antelóquio: «Pádua Ramos é uma figura portuense, injusta-

(Continua na pág. 8)



# ÁFRICA, ADEUS (26)

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

A poucos quilómetros do povo Kambege, começa a surgir no horizonte a figura imponente do morro de Kambamba, o sinistro Mukixe. Ele sobrepõe-se acima de toda aquela região, é como um senhor absoluto.

Ao aproximarmo-nos do Kambege, prosseguimos em marcha lenta e atentos ao menor sinal de perigo. Tudo continuava como dantes. Parece que o tempo tinha parado. A estrada, como já foi dito, atravessava o povoado, mas agora, sem ninguém, e com todas as habitações queimadas. Mais parecia o domínio dos fantasmas.

Alguns quilómetros andados e chegámos a Vista Alegre. Ali também não se via ninguém. A coluna parou, e eu fui dar uma olhada nas casas comerciais, não só a de Bom Destino como a do Jorge. Tudo se encontrava na mesma. Dava a impressão de que ninguém mais tinha ali entrado desde que a abandonámos. O que se estaria a passar? Parece ter havido uma trégua.

O morro do Mukixe, agora próximo de nós, parecia mais imponente.

Aproximei-me do furriel e pedi-lhe para passarmos pelo Bom Destino, pois trazia ali alimentação para os trabalhadores bailundos. Este respondeu-me que as ordens que tinha era conduzir-nos a Aldeia Viçosa, e portanto não ia alterar essa ordem.

«Nesse caso, poderiam esperar aqui um pouco enquanto nós vamos lá abaixo à Roça e já voltámos». «Que tempo precisam para isso?» perguntou o furriel mal humorado. «Quinze minutos», respondi. «Nem mais um» acrescentou o furriel. «Despachem-se!»

Partimos na carrinha do Jorge. Ao che-

garmos à Roça, os trabalhadores bailundos vieram todos a correr em direcção ao carro. Desci rapidamente do carro e perguntei: «Onde está o cabo do grupo?» «Já aí vem, Patrão». «Descarreguem já essa comida que vem aí no carro». Imediatamente começaram a descarregar e entretanto chegou o cabo. Dirigindo-me a este, disse-lhe: «cabo, nós vamos dormir a Aldeia Viçosa, os outros carros e a tropa estão lá em cima à nossa espera. Portanto, não nos podemos demorar. Amanhã estaremos aqui. Manda uns homens meter as roupas da senhora e dos meninos do sr. Fausto em malas e manda puxar para aqui o carro dele que é para amanhã se carregar. «Está bem?» «Sim, patrão, mas nós não podemos cá ficar mais tempo». «Bem, nós amanhã veremos isso. Agora não podemos perder mais tempo».

Subimos para o carro e este pôs-se em marcha em direcção a Vista Alegre. Ao chegarmos, já tudo estava preparado para seguir e o furriel perguntou: «Tudo em ordem?» «Tudo», respondi, «Por nós pode seguir».

Pouco depois a coluna arrancou em direcção à Aldeia Viçosa. 30 quilómetros separam estas duas povoações comerciais. Depois de termos percorrido cerca de vinte quilómetros, o sinistro morro do Mukixe encontrava-se à nossa esquerda, agora a uma escassa meia dúzia de quilómetros. Visto do lado contrário da falésia, ele não impressionava muito mas, mesmo assim, eu não conseguia desviar o olhar daquilo que se dizia prender as pessoas à terra. «Serás tu que me prendes aqui? Não acredito»,

dizia para mim. «Eu logo que veja este problema resolvido, partirei com a minha família».

Preso a estes pensamentos, nem dei conta d aproximação da povoação de Aldeia Viçosa. Já começava a escurecer e ali deparámos com grande movimentação de militares, pois encontrava-se ali uma companhia comandada pelo então Major Rebocho Vaz. Os militares que nos tinham acompanhado até ali apresentaram-se ao comandante para receberem novas ordens.

Pouco depois, o comandante Rebocho Vaz recebeu os civis para que estes lhe apresentassem os seus problemas. Logo que eu tive ocasião de falar, não só lhe manifestei o desejo de ir à nossa Fazenda carregar aquilo que fosse possível, como também na passagem de Aldeia Viçosa para Vista Alegre, irmos à Fazenda S. Tomé procurar o seu proprietário, pois sabia-se que tinha sido atacado, mas apesar disso continuou viagem. Portanto, poderá ainda estar vivo. «Sim» respondeu o comandante e logo ali deu ordens aos seus subalternos para que no dia seguinte, de regresso a Vista Alegre, fossemos à Roça S. Tomé.

Embora o comandante não contasse aos civis as suas preocupações, tivemos conhecimento de que todos os ali estavam apreensivos, pois, naquele dia, de manhã, tinha saído dali uma pequena força militar comandada pelo Capitão Castelo da Silva para fazer um reconhecimento à povoação do Cobra e jamais tiveram notícias deles.

Todos procuramos onde passar a noite. As casas estavam todas muito danificadas, mas para nós bastava um canto onde nos sentar e descansar.

(Continua)

## PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS  
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450  
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647  
4750 MATOSINHOS

## Dicionários EDITORA

A nossa colecção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país, feita em meios somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como de especialidade. Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua de Restauração, 365/4098 PORTO CODEX  
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua do João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX  
BNP, L. RUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA



# PÁGINA JOVEM

**Olá, jovens! Como o tempo voa! Ainda há pouco foi Natal e já «cheira» a amêndoas! Para todos, bons resultados escolares, boas férias e uma boa Páscoa!**

## HISTÓRIA DE UM DIA

Por ANA MARQUES

(Conclusão)

O melhor é dizer-lhe por telefone; o pior que me pode acontecer é ele desligar com força. Se for ao gabinete, é pior.

— Diga.

— Era só para dizer ao Senhor Doutor que não há possibilidade de entrar em contacto com o Senhor...

Quanta amabilidade! Estou espantada! O homem está mesmo feliz ou eu é que estou paranóica? Não ficou zangado, melhor!

Aleluia! Custa a acreditar mas é verdade, já posso ir embora!

Durante a caminhada até casa sempre dá para pensar um pouquinho. Sentir o frio e o vento a magoar-me a cara. E desejar que o dia de amanhã seja bem diferente.

É com alegria que volto a pôr a chave na fechadura e com toda a delicadeza, fazê-las girar. Até dá prazer! Entro devagarinho e sai-me um grito da boca; também não era para ser assim tão alto, mas, saiu-me. Não pude evitar.

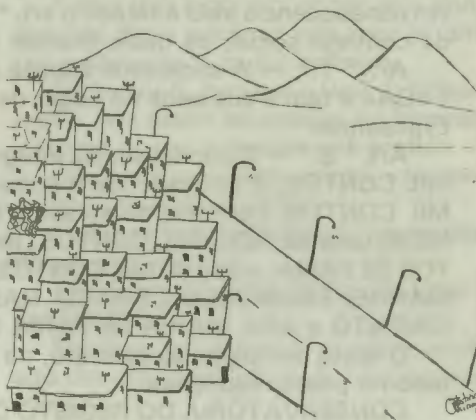
Aproximou-se a minha mãe aflita — o que foi, o que aconteceu?

Respondi-lhe com toda a calma enquanto me inclinava muito preguiçosamente para o sofá:

— O que aconteceu?! Nada, o que havia de acontecer?! Estou em casa. Cheguei. Era só para te avisar.

E lá foi ela para a cozinha a resmungar: — que maneiras tão esquisitas de anunciar que chegou a casa...

Eram sete horas e, adormeci.



Desenho de Fátima Guimarães

## PAUSA PARA SORRIR

Um poeta vai pedir em casamento a filha de um homem muito avaro. Este recebe-o de mau modo e diz-lhe que recusa aceitá-lo para genro.

— Porquê? — pergunta o pretendente ao noivo, muito admirado. — Eu sou um poeta conhecido, sou de boa família, tenho as melhores intenções de fazer feliz a sua filha; porquê, então, essa sua recusa em me deixar casar com ela?

Responde o avaro:

— Porque eu jurei a mim próprio nunca deixar casar a minha filha nem com um jornalista, nem com um poeta.

E, ante o espanto do rapaz, explica:

— Porque o jornalista desperdiça papel, escrevendo só de um lado; e o poeta ainda desperdiça mais, pois deixa-o quase todo em branco...

★

Um jovem apaixonado diz à namorada:

— Por ti, minha querida, afrontaria os maiores perigos: o fogo, se fosse preciso tirar-te dum prédio a arder; os leões, se estivesses perdida na selva; o mar em fúria, um tufão, uma tempestade. Tudo, enfim!

— Então porque não vieste ver-me ontem? — pergunta a jovem.

— Ora essa! Com aquela chuva toda ia agora sair de casa! — replica o tal herói.

## À PROCURA DE UM SONHO

*Pelas ruas da amargura  
Sozinha vou caminhando.  
Por elas vou insegura  
O meu sonho procurando.*

*Sonho com belo jardim,  
Com bonitas flores e aves.  
Sonho com o mar sem fim  
E com as portas sem chaves.*

*E procuro sem parar  
Por ruas sempre desertas.  
Às vezes chego a pensar  
Que não vou nas ruas certas.*

*Vale a pena procurar  
Um sonho tão belo assim.  
Por isso só vou parar  
Quando atingir o seu fim.*

FÁTIMA ANTUNES

## ETERNA IMAGEM

*Quadrados de vidro, ripas de madeira.  
Pela janela, estática, vejo o Mundo.  
O meu Mundo, aquele de que gosto,  
Com as gaivotas voando sobre o rio fundo.*

*Surge uma ponta negra,  
E o resto aparece levemente,  
Suavemente, numa carícia de vento.  
E a imagem instala-se-me na mente.*

*E rola, rodopia, sempre aquela mesma imagem,  
E tento em vão saber o que significa.  
Talvez a ambição, o duro desejo  
Dessa liberdade que tão longe fica.*

*Acende-se o meu olhar,  
Pela maravilha que tudo parece.  
Tudo tão belo, e sempre mergulhado  
Nesta calma que permanece.*

*A brisa sopra.  
O sol atea o céu rosa.  
A andorinha esvoaça,  
Na imensidão do céu inflamado.  
Ouço os trinados da ave,  
São as músicas da Natureza.  
No fundo ainda a amamos,  
A ela e à sua beleza.*

*E o que se sente também voa,  
Profundamente envolvido nesta suavidade  
De uma vida que se desenrola,  
No efêmero da infinidade.*

MARTA (15 anos)

ESTA FOLHA TEM O  
PATROCÍNIO DE:

Impetus 



## ESPOSENDE NAS ROTAS DO MUNDO

Um grupo de Esposendenses a que preside o dr. Tito Alfredo Evangelista e Sá resolveu comemorar de um modo especial os Descobrimentos com um programa recheado «em memória dos bravos esposendenses que nas Rotas do Mundo levaram longe o nome da nossa terra».



Desenho de Belamino

No dia 3 de Abril efectuou-se a abertura de uma exposição tendo por mote a saga marítima dos marinheiros esposendenses ao longo dos séculos.

O Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão no dia 3, pelas 22 horas, apresentou uma comunicação com o título «A presença de Esposende no Além-Mar português nos séc. XVI e XVIII.

No dia 4 (vamo-nos cingir ao essencial) a Banda da Marinha realizou um concerto no Auditório do C. P de Esposende. No dia 8 o Prof. Octávio Lixa Felgueiras tratou o tema: «Os bateis de Esposende e Fão, um património a preservar.

Intercalados com estas palestras, efectuou-se um concerto de música a cargo do Prof. Doutor Gehard Doderer (re-

cial de órgão), e de Manuela Azevedo (piano).

No dia 10 há uma sessão literária a cargo do dr. Agostinho Teixeira (o mar na tentativa da poesia portuguesa). O Prof. Doutor José Viriato Capela abordou (A economia e o comércio marítimo de Esposende no séc. XVIII. — Dia 12 - 21.30 horas.

O tema: «História entre marinheiros e pescadores» será tratado pelo Contra-Almirante Malheiro do Vale. — Dia 14 - 21.30 horas.

O encerramento da exposição «Esposende nas rotas do mundo» ocorrerá no dia 19, pelas 22 horas.

Em suma: um programa variadamente rico e feliz (sem lágrimas).

A exposição «Esposende nas rotas do mundo» foi feita apenas com memórias e documentos da vila de Esposende. A comissão encarregada de a efectuar, valeu-se apenas de «material» da vila porque de contrário não tinha sala para albergar tudo o que no concelho existe relacionado com o mar.

## FÃO DE ANTIGAMENTE



Esta foto que consideramos histórica mostra-nos aquilo que foi o primeiro bar de Ofir ainda em tempo de obras. Este casal era «habitué» da nossa praia, vivia em Braga e possuía a casa da Conchinha (lembra-se, dela?). Os nomes do casal: Paulo de Sousa Claro e Natália Ribeiro Pimenta Claro. Foi tirada na década de 40 e tantos.

## CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS CIVIL, PREDIAL E COMERCIAL DE ESPOSENDE «FARIA & NASCIMENTO, LIMITADA»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º DE MATRÍCULA 00079 — N.º DE IDENTIFICAÇÃO DE PESSOA COLECTIVA 500 6001 992 — N.º DE INSCRIÇÃO 00003 — N.º E DATA DA APRESENTAÇÃO: 02 - 92/03/20

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA, que foi aumentado o capital social da sociedade em epígrafe de 500.000\$00 para 10.000.000\$00. com o reforço de 9.500.000\$00, em dinheiro, tendo em consequência sido alterado o art.º 3.º, e que foi ainda alterado o art.º 1.º do contrato social, os quais ficaram com a seguinte redacção:

Art.º 1.º — A sociedade adopta a firma «FARIA & NASCIMENTO, LIMITADA» e tem a sua sede no Lugar de Ofir, da vila de Fão, deste concelho de Esposende;

Art.º 3.º — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de DEZ MIL CONTOS, e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de CINCO MIL CONTOS, pertencente ao sócio MANUEL DE JESUS NASCIMENTO JÚNIOR; uma de DOIS MIL CONTOS, pertencente à sócia MARIA AMÉLIA MATOS DE FARIA; e três de MIL CONTOS, pertencendo uma a cada um dos sócios MANUEL FRANCISCO DE FARIA NASCIMENTO, ADRIANO DE FARIA NASCIMENTO e ANA MARIA DE FARIA NASCIMENTO CAMPELO.

O texto completo do contrato, na sua redacção actualizada, ficou depositado na pasta respectiva.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos 26 de Março de 1992.

A CONSERVADORA DESTACADA,  
a) Maria do Céu Neiva Portela

## NÚMERO ESPECIAL

Vamos apresentar um número especial para as Festas. Muitos comerciantes e industriais estão a ajudar-nos com publicidade paga. Claro que há sempre um que nos diz: «A gente um dia vai pensar nisso». Outros, porém, quase todos, estão a ser compinchas. É à Fão.



# CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

Sem darmos por que o tempo passe, aí está novamente a Primavera.

Traz consigo a alegria, a esperança e os sonhos, mas, este ano, a falta da chuva, os campos completamente secos e os animais a morrerem à fome, traz a todos a antevisão de dias difíceis.

Os lavradores sentem-se frustrados, pois sabem que a colheita vai ser má e a perda do gado é valiosa.

As perspectivas de lucros são mínimas e tudo isso arrasta para uma vida de preocupações e dificuldades.

## DESASTRE QUE CEIFOU DUAS VIDAS

Fão acordou na manhã de 26 de Março com a notícia de uma verdadeira tragédia que atingiu uma família simpática de Fão. Na verdade, o automóvel EO-Q9-18 conduzido pelo seu proprietário Francisco Gomes Pereira dirigia-se para Braga levando consigo uma sobrinha Cristiana Maria Ribeiro Seara Van Breemen e seu marido Paulo Van Breemen. Ao fazer uma curva, o carro não se aguentou e foi chocar violentamente contra o veículo QC-24-43, conduzido por João Lima Salsa, de Barcelos. O choque foi violento provocando a morte fulminante de Cristiana e do seu tio Francisco Pereira.



Cristiana Van Breemen



Francisco Pereira

O Paulo Breemen feriu-se ligeiramente bem como os ocupantes do outro veículo.

A morte é sempre um acontecimento doloroso e Fão ficou verdadeiramente consternado ao constatar a morte da Cristiana (20 anos) e de seu tio Francisco (de 39 anos) uma paz de alma que apesar de natural de Braga tinha muitos amigos em Fão, nomeadamente no círculo do Clube Fãozense.

A Cristiana tinha um mundo à sua frente. Ainda há bem poucos meses noticiámos a sua ida para a Austrália bem como do marido que tem lá os pais. Regressaram há pouco a Portugal para se cumprir a tragédia que o destino lhes tinha preparado. Não há dúvida que a morte aos 20 anos é um roubo. E a Cristiana ao morrer levou consigo uma simpatia e afabilidade que a todos encantava.

Que estes dois amigos descansem em paz.

A pequena empresa e o pequeno lavrador não têm bases para suportar desastres deste calibre. O que vai ser deles?

Vivemos num mundo de concorrência, que não se compadece com aqueles que ficam para trás.

Vamos ter a esperança de que deus ainda mandará chuva suficiente para regar os campos e salvar ainda muitas colheitas.

Tenhamos fé, para que o Deus da Ressurreição, faça nascer no coração dos homens, a certeza de que nem tudo está perdido.

Confiemos na sua misericórdia, e teremos a certeza de melhores dias.

Vem aí a Páscoa, esta data tão importante para o povo cristão.

Traz-nos a mensagem da Paz, do Amor e da Vida Eterna.

Possamos nós derramar ao nosso redor, uma chuva de cordialidade, de compreensão e amor.

Que cada homem possa pensar e ajudar o seu semelhante mais próximo e compartilhar com ele, do seu pão, e do seu coração.

Estamos num mundo de atrocidades e de revoltas. Meio universo está em pé de guerra. Há milhares de crianças e mulheres sem abrigo, sem pão, devastados pela doença e pelo frio.

Portugal é um país abençoado.

Temos paz, uma certa estabilidade, e as nossas crianças têm a liberdade de brincar nas ruas, sem perigo.

Façamos da nossa terra um paraíso acolhedor.

Sintetizando, vamos fazer de Fão uma terra «modelo».

Em limpeza, em acolhimento e progresso. Tornar Fão um espelho.

Desejar para este cantinho minhoto um crescimento harmonioso com base no bom senso, num critério arquitectónico inteligente e conservar-lhe as características que lhe dão tanta beleza.

Eu sei que há uma vontade dinâmica da parte das autarquias para o seu melhoramento e progresso. No entanto, não nos deixemos embalar por um progresso repentino.

Muitas vezes é contraproducente a ambição desmedida.

Vamos lutar pela conservação dos seus costumes, pela beleza da sua paisagem e pelos valores do seu património.

Comecei esta crónica, falando da Primavera, divagando achei-me a falar no que vai pelo mundo e acabo envolvida com as coisas de Fão.

Em todas as análises pus o coração. Ele é o motor que dá a vida, e a vida é um bem incalculável.

Vamos pô-la ao serviço da comunidade. De mãos dadas podemos fazer muita coisa. Separados não conseguimos nada.

Estão aí as Festas da Páscoa e do Senhor de Fão. Vamos todos trabalhar, para chamar a Fão milhares de pessoas.

Ninguém fique de fora. Todo o ser humano tem as suas capacidades e ninguém é inútil.

Boa e feliz Páscoa para todos.

## DE REGRESSO

Depois de um mês bem passado em Grenoble, França, já chegou a Fão o nosso amigo e bom amigo de «O Novo Fangueiro» Zé Barbeiro que se fez acompanhar de sua esposa.

Era para vir mais cedo mas não teve cara para se apresentar aos seus clientes depois daquele memorável jogo (do século) entre o Benfica e o Porto que ditou a derrota do «seu» clube encarnado. O Zé queixou-se de todos inclusivé de «O Novo Fangueiro». Mas aquilo era só para disfarçar.

É que ele ficou cá com um «melão» que não queiram saber.

## TRÂNSITO DESVIADO

A partir de 20 de Abril a Rua Serpa Pinto (Pedreiras) vai ficar interdita ao trânsito. Em alternativa existe a rua de trás que se encontra em bom estado.

## VENDE-SE OU ALUGA-SE

O rés-do-chão onde estive o Banco na rua da Igreja. O prédio na sua totalidade também se vende.

Contactar: Eulália Carvalho  
Tel. 624750  
Póvoa de Varzim

## FALECIMENTO

A morte levou consigo o Américo Coutinho (Carvalho) ex-Presidente do Clube Fãozense. O Américo estava condenado e os seus amigos sabiam-no. No entanto ele conseguia aparecer no Club revelando no rosto os sinais marcante de uma doença incurável mas sempre esperançado que a iria debelar. Só a 8 dias do seu falecimento deixou de aparecer e apenas a três da sua morte deixou de se levantar.

Estava escrito.  
Paz à sua alma.

## AGRADECIMENTO

A família de Américo Coutinho vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam aquando da morte do seu ente querido.

Os familiares de Cristiana Van Breemen e de seu tio Francisco Pereira vem por este meio agradecer muito penhoradamente todas as manifestações de solidariedade que lhe foram prestadas por ocasião do grave desastre que provocou as suas mortes.



# DE APÚLIA

**A TELEVISÃO PORTUGUESA EM APÚLIA** — Não é exagero dizer que foi um acontecimento. Por que o foi. Não é provincianismo baco-co dizer que Apúlia, naquela linda manhã de primavera antecipada, foi a mais bela terra de Portugal. Por que o foi. Graças à televisão, essa caixinha mágica, que, já muitos o afirmaram, revolucionou o Mundo.

O dia 19 de Março de 1992 vai ficar escrito nos anais da Apúlia moderna, como o seu dia D, o dia do acontecimento. Nesse dia, a nossa terra, teve a mais bem concebida (e mais barata) propaganda das suas belezas naturais, e da sua história.

Desde as 7.30 horas desse memorável dia (para os apulienses), o Canal 1 da Televisão Portuguesa, transmitiu, em directo, da nossa terra para todo o País, o seu habitual programa «BOM DIA». Para esse efeito foi necessário deslocar para Apúlia muito e sofisticado material técnico e humano, jamais visto por estas redondezas.

Por ali passaram figuras típicas, autarcas, emigrantes e dirigentes de Associações locais. Também por ali, levamos a casa de cada um, muita da nossa história, das nossas lendas, dos nossos costumes, dos nossos artistas, as belezas naturais das nossas pralhas, o nosso artesanato, e o nosso folclore.

Durante quatro horas, a Televisão Portuguesa foi a «passarela» por onde Apúlia se mostrou a todo o Portugal.

**FALECIMENTOS** — No lugar de Paredes, em 14 de Março, faleceu a Senhora Felicidades Dias, solteira, nascida em 20 de Janeiro de 1912, filha de Paulo Gonçalves Ribeiro e de Ana Dias.

— Em Fão onde residia desde o seu casamento, faleceu o senhor António Gomes Lopes, 1.º cabo reformado da Guarda-Fiscal.

Este apuliense, que nunca renegou as suas origens, antes pelo contrário, e a propósito de tudo, as exaltava, foi acometido de doença súbita, e viria a falecer no Hospital de S. João, do Porto, para onde fôra levado uns dias antes.

Era filho de Eugénio Gomes Lopes e de Elvira de Jesus Mendes, e contava 73 anos de idade.

À sua viúva e filhos, a sua irmã, Cunhados

e sobrinhos, apresentamos o nosso cartão de profundo pesar.

**CASAMENTO** — No dia 8 do mês de Março, celebraram o seu casamento religioso, na Capela do Centro Social João Paulo II, os jovens Duarte dos Santos Brás, Guarda-Fiscal, de 29 anos de idade e Maria da Conceição Lima Carvalho, de 27 anos.

O nubente, é natural de Cabanelas, concelho de Mirandela, e filho de António Manuel Brás e de D. Brites da Conceição Moraes. A nubente, natural e residente em Apúlia, é filha do nosso conterrâneo Carlos Rodrigues de Carvalho, proprietário da conhecida casa comercial da nossa praça «A Sargaceira», e de sua esposa, D. Alice Moreira da Silva Lima.

Foi celebrante o Padre Coutinho, pároco de Belinho, deste concelho.

Ao novo lar, que fixou residência nesta Vila, apeteçemos as maiores felicidades.

**DOENTES** — Gravemente doente, encontra-se internado no Hospital de S. João, da cidade do Porto, o nosso conterrâneo, Abel Rebelo Machado, um dos mais arrojados e sabedores pescadores da nossa praia.

Também doentes, encamados, estão os nossos conterrâneos, Manuel Gomes Boucinha e esposa D. Eugénia Gomes de Almeida.

**ALCINDO DO VALE GONÇALVES** — Depois de um merecido repouso no Brasil, para onde partira em fins de Janeiro, já se encontra novamente entre nós, o nosso conterrâneo, senhor Alcindo do Vale Gonçalves, assinante deste jornal.

**PRACETA DO CEMITÉRIO** — Já está em fase de conclusão, a praceta nascida da construção da Escola C + S de Apúlia, e que ocupa todo o terreno que era pertença da família Damião Caseiro, do Cemitério à «Fonte Velha». Pena foi, na nossa opinião, que de todo esse terreno, uma pequena faixa lateral não fosse à estrada, tão necessitada de espaço, principalmente na curva do cemitério, estrada por onde passa obrigatoriamente, 90% do trânsito de e para Apúlia, zonas da Igreja e Praia.

## CARTAS AO DIRECTOR

RECADO PARA A CREMILDE VICENTA

Ex.mo Sr. Director de  
O NOVO FANGUEIRO

Saudações

Sem dúvida que «O Novo Fanguero» tem dado aos fangueros que vivem no exterior motivos de saudades, interesse por sua terra e proporcionado entre os conterrâneos o relacionamento de que estavam afastados.

Assim é o caso da Cremilde, que agora tem procurado notícias e quer ter conhecimento do seu torrão natal, escrevendo para V. S. E como V.S. sabe, quando fizemos a reunião de quase todos os fangueros, em 1973, no Coringa de Olaria, fiquei de posse do endereço de todos os nossos conterrâneos que viviam na época, e que alguns deles, se encontraram depois de 50 anos sem contacto. E dentre eles eu tinha o endereço do Alberto, nosso primo, irmão mais velho da Cremilde, pois talvez ela não saiba que a minha bisavó Tuta é a mesma bisavó dela, e eu gostaria de lhe entregar uma cópia de sua «Árvore Genealógica».

Durante algum tempo tive contacto com o Alberto, mas de uns anos para cá nos desentramos.

Em 1970, quando estive em Porto Alegre, falei com o Inácio e fui na casa da Iracema e também passei na casa da Cremilde, mas ela não estava. Agora, vendo o seu interesse em relembrar as coisas de Fão, pedia a V.S. que através do nosso «Novo Fanguero» pudéssemos reencontrar a Cremilde, pois a última vez que a vi foi quando veio para o Brasil e esteve na nossa casa, já que o primo Inácio, seu pai, morava connosco quando não estava embarcado. Se não me engano, tenho mais 2 ou 3 anos do que ela e quando estivemos agora em 1990 em Fão conversei com o Elias a minha infância na casa que ele morava e junto a sua tia Elvira.

O meu endereço é:

Amândio C. Caramalho  
Av. Itaoca n.º 339-1.º  
21061 Bonsucesso  
Rio de Janeiro  
Telef. 230 - 9026

Aproveito para lhe informar que estamos esperando a chegada do nosso Né Glória e Geninha, que acompanhados de Miquinhas Belo, viúva do inesquecível Ne Sacramento. Aqui estarão para as nossas Bodas de Ouro, no dia 19 de Março, dia de S. José, juntamente com parentes do Caramulo e de amigos de Lisboa, membros de nossa filial Espiritualista, em Portugal, para compartilhar connosco tão excessiva data.

Antecipadamente agradecia pela publicação de nosso pedido para reencontrar a Cremilde, o abraço do conterrâneo saudoso.

Amândio Caramalho

## DOENTE

Foi submetida a uma intervenção cirúrgica no Hospital de Santo António no Porto a dr.ª Maria Adélia Passos Ponte, esposa do nosso amigo dr. José Novais.

Desejamos um ponto restabelecimento.

## TECIALGO

### TINTURARIA E ACABAMENTOS TÊXTEIS

R. SENHORA CAMPANHÃ — 4000 PORTO  
TEL. 572829 - 567022 - 572574 — TELEX 23392 — FAX 5100734

Somos possuidores da Melhor Técnica de Serviço a nível Europeu

Possuímos secções equipadas com o que há de mais evoluído

- TINTURARIA DE MALHAS E TECIDOS
- ACABAMENTOS RÁMULAS
- CALANDRAS
- MERCERIZAÇÃO DE MALHA
- COMPACTAÇÃO DE MALHAS
- CARDAÇÃO — MALHAS E TECIDOS
- LAMINAGEM — MALHAS E TECIDOS



# PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



## O MARACUJÁ

(Continuado do número anterior)

O alinhamento dos postes deverá de preferência ser dirigido no sentido norte-sul, de modo a proporcionar a maior insolação possível às plantas.

A altura dos arames é pormenor que deve merecer bastante atenção por parte dos interessados nesta cultura. Se bem que a construção de um sistema elevado encareça muito a operação por requerer postes maiores, é ela sobejamente compensada pela diferença de produção que origina. O rápido e vigoroso desenvolvimento das plantas contra-indica o uso de armações de menos de 1,50 m de altura, facilmente ultrapassadas pelas suas ramificações, que logo pendem e acabam por descair para o solo, pelo mesmo continuando a crescer, com os consequentes danos nos frutos e acréscimo de dificuldades em colheitas e pulverizações. A amarração das extremidades dos sarmentos, novamente ao arame, não é solução, pois prejudica os ramos que ficam por baixo, em virtude de sofrerem uma menor incidência dos raios solares.

Recomenda-se que os postes tenham 3,00 m de altura total, 0,50 m dos quais são enterrados. Estes postes são espaçados 4,00 m e no topo serão fixados arames que se manterão tensos por meio de esticadores colocados nas extremidades. A partir de 0,50 e 1,00 do topo deverão ser colocados mais dois arames, o que permitirá o bom desenvolvimento dos ramos e frutos.

Os postes das cabeceiras devem ter 0,25 m de diâmetro e os que ficam situa-

dos no interior 0,15 m. O arame deverá ser número 10 ou mais grosso, sendo no entanto de maior interesse o emprego de fios de aço número 6.

### 4.5 — PLANTAÇÃO

Escolhido o espaçamento e o sistema de condução, é feita a plantação em covas de 0,40 x 0,40 x 0,40 m, previamente abertas e adubadas com uma mistura contendo principalmente estrume e fósforo.

A fertilização por cova, que se sugere, é:

- 100 g. de sulfato de amónio
- 100 g. de superfosfato a 18%
- 60 g. de cloreto de potássio.
- 1/2 Kgs. de estrume bem curtido

ou

- 100 g. de adubo 7-14-14 e
- 2 Kgs. de estrume bem curtido.

As covas devem ser abertas pelo menos 30 dias antes da plantação, em Setembro ou Outubro, devendo ter-se em atenção que as plantas devem ficar enteradas ao mesmo nível em que estavam nos sacos, pois, de contrário, podem morrer por asfixia. Após a colocação por torrão com as plantas, mas sem o saco, preenche-se a cova com terra fina, que se deve calcar.

Finda a plantação rega-se, mesmo em tempo chuvoso, para que a terra melhor adira à plantação, não devendo, contudo, haver qualquer subsequente calcamento.

### 5 — TÉCNICAS CULTURAIS APÓS A PLANTAÇÃO

#### 5.1 — AMANHOS CULTURAIS

Após o estabelecimento da plantação, os granjeios devem consistir em capinas periódicas visando que as ervas espontâneas prejudiquem o desenvolvimento e a produtividade das plantas; este efeito negativo dos capins é mais acentuado durante a época seca, altura em que entram em competição com a cultura no que se refere à diminuta humidade do solo.


Os utensílios a empregar variarão com as disponibilidades do fruticultor e com o planeamento da cultura. Quando o espaçamento é grande, torna-se possível efectuar amanhos totalmente mecanizados, empregando-se para isso o tractor com grade que rasgará superficialmente o solo;

Próximo das plantas e por baixo da armação, serão as infestantes eliminadas com utensílios manuais. Quando a distância entre as plantas é diminuta, os granjeios deverão ser realizados por moto-cultivadores ou a braço.

No Hawaii, têm-se obtido bons resultados com o emprego de herbicidas. Dos produtos testados o que melhor satisfaz foi o «Dalapon, na base de 11 a 22 kg para 450 a 900 litros de água, por hectare.

Como a vida económica da plantação é de 4 anos, pois a partir deste espaço de tempo a cultura tem uma grande quebra na produtividade, aconselha-se que após este período se processa ao arranque das plantas e se sujeite o terreno, por 1 ou 2 anos, à cultura de uma leguminosa que, de preferência, será enterada com a finalidade de melhorar a fertilidade e a estrutura do solo.

(Continua no próximo número)



# Basta

## a melhor alternativa


**Herbicida total**

**Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança**

Para mais esclarecimentos consulte o  
Departamento de Agricultura da  
Hoechst Portuguesa S.A.

|          | MEM MARTINS                             | PORTO                                |
|----------|---|--------------------------------------|
| TELEFONE | 921 21 80                               | 66 70 51                             |
| TELEX    | 16 380                                  | 22 708                               |
| FAX      | 922 25 77                               | 69 05 70                             |
| MORADA   | APARTADO 6<br>2726 MEM<br>MARTINS CODEX | APARTADO 1041<br>4101 PORTO<br>CODEX |

**Hoechst - um amigo na agricultura**

**Hoechst** 

Cap. Soc. 5 000 000 000100000 Reg. Com. Sétim n.º 1439



# HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES  
JARDINAGEM  
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78  
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

## CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR  
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA  
DE CALIBRADOR  
POR PÊSO



DESCARREGADOR  
E ELEVADOR



CALIBRADOR  
POR PÊSO  
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE  
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22  
FAX 044/81 23 02  
TELEX 43811

**SONDECA**

APARTADO 12  
PARCEIROS  
2401 LEIRIA CODEX

## EMPAREDADOS

Foi este o título escolhido pelo nosso amigo dr. Isaias Gomes dos Santos para uma obra dada à estampa recentemente e da qual teve a bondade de nos remeter um exemplar.

São as suas primícias literárias em prosa.

Escolheu para assunto um caso dos tribunais e que de certeza lhe passou pelas mãos. Difícil, pelos vistos, pois demorou dez anos a resolver. O resultado foi uma vitória que adivinhámos estrondosa pois o entusiasmou a escrever aquilo a que poderíamos chamar um livro branco.

Trata-se de uma peça literária? A nós parece-nos sobretudo uma peça do foro judiciário. Nela revela grande erudição, poderosa força argumentativa, ponderação nas premissas e argúcia nas conclusões. Sobretudo uma vivência plena na sucessão dos acontecimentos o que lhe deu grande força anímica na convicção da autenticidade daquilo que estava a defender.

Mas haverá ali arte? Bem, o Direito será uma arte ou uma técnica? É capaz de ser uma ciência que na sua aplicabilidade exige técnica e arte. Mas a arte tribunalícia identifica-se com a arte literária? Não nos parece, pois a arte que uma peça jurídica encerra tem por fim o convencimento, a persuasão, ao passo que a arte literária tem por objectivo primário o deslumbramento, quicá o êxtase, o prazer. De modo que estes dois escopos parecem-nos antagónicos.

O autor de os Emparedados esforçou-se por convencer o júri da razão que assistia à acusada e convenceu-o. Usou do seu saber de jurista e de uma técnica com a qual procurou ser eficaz na arte de persuadir. Trazendo essa argumentação para o livro, teve que submeter o plano da obra ao plano dos seus objectivos jurídicos que era a vitória. Essa preocupação sacrificou uma certa técnica literária que, por exemplo, não se compadece com a repetição insistente do mesmo discurso. Ora isso, quer dizer, esse lapso (ou excrecência?) é notada pelo autor que, no entanto, reconhecendo muito embora o desvio normativo literário, entendeu que para um perfeito conhecimento do processo tinha de ser assim. A dialéctica jurisprudente tinha que estar representada na sua máxima força.

Mas o livro lê-se de um fôlego e com agrado. A construção das frases é clássica. Depois há um crescendo de curiosidade que nos leva a não suspender a leitura para se saber depressa o desfecho. Nesse aspecto aproxima-se um pouco do livro policial. Há que continuar.

## FALECIMENTOS

Faleceu em Fão a nossa conterrânea Ângela Morais de Araújo. Aos seus familiares e de um modo especial aos seus filhos Ernestino, António e Agostinho os nossos pésames.

— Há mortes que não se acreditam e não se aceitam. Custou-nos a acreditar que o Manuel Gomes Soares (Néu Chita) tivesse sido vítima de um ataque cardíaco que o fulminou de imediato na manhã do último domingo. Infelizmente era verdade.

O Néu foi um dos que se «atravessou» pelo pagamento do campo de futebol, naqueles tempos difíceis...

A toda a família a expressão do nosso pesar.



# AMPOF

A Associação de Moradores e Proprietários de Ofir (Fão), após ter visto os seus estatutos aprovados em Assembleia Geral de 22/2/92 realizada no Hotel Ofir, constituiu-se legalmente por acto notarial, que decorreu no Hotel do Pinhal em 19/3/92.

Salientamos do exemplar dos seus Estatutos que nos foi entregue, a finalidade de tal associação, que pelos vistos não se tratava apenas de mais uma ideia de alguns, liderada pelo Dr. Ruy D'Orey, mas sim de algo que se concretizou mesmo.

Afinal as intenções são bem claras e nada condizentes com aquilo que por aí se dizia. Será de perguntar como nunca surgiu uma iniciativa deste tipo, noutros lugares de Fão, muito mais povoados.

Quanto aos seus futuros dirigentes, só se virão a conhecer depois da primeira Assembleia Geral Ordinária da Associação a realizar pela época balnear.

De assinalar que até lá, todos aqueles que desejarem aderir serão considerados sócios fundadores.

Bastará para tal contactar o sr. Manuel Marques, Director Geral do Hotel Ofir, que faz parte da Comissão Constituinte, na qualidade de Secretário/Tesoureiro e que continuará a desempenhar as mesmas funções, pelo

menos até à referida Assembleia Geral.

Os outros dois elementos que nas mesmas condições se encontram à frente da AMPOF são o Dr. Ruy D'Orey (Presidente) e Aníbal Soares (Vice-Presidente).

Este último continua a manifestar a sua indisponibilidade para continuar mais tarde, nos Corpos Gerentes, sem que por isso deixe de prestar a colaboração que lhe for eventualmente solicitada e esteja no âmbito das suas opções pessoais e profissionais.

ARSA

## FINS DA AMPOF

1 — A AMPOF é criada no intuito da defesa da qualidade de vida de todos os cidadãos moradores ou proprietários de prédios rústicos e/ou urbanos no lugar de Ofir, Freguesia de Fão, Concelho de Esposende e é apolítica e independente da sua actuação.

2 — Com qualidade de vida, entende-se tudo o que é susceptível de a melhorar ou minorar, exemplificadamente o meio ambiente, o planeamento urbanístico, a protecção civil, o planeamento do trânsito, utilização turística, etc.

## ESCOLA C + S DE APÚLIA Museu em Perspectiva

Conforme o Plano de Actividade aprovado pelo Conselho Pedagógico desta Escola e em obediência a um cronograma que abrange os anos lectivos de instalação (1991 a 1993), é desejo dos responsáveis desta Escola adaptar um espaço do edifício para que sirva de Museu de Artesanato da Região.

Pretende-se, assim, criar uma exposição permanente que reflita as características étnico-culturais do meio social em que a Escola se insere, articulando o passado e o presente, e favorecendo o contacto directo com realidades que à população escolar facilmente poderão escapar. É também objectivo desta instituição permitir a recolha de elementos historicamente significativos dos costumes e tradições populares que a falta de sensibilidade de muitos e a indiferença de alguns fará irremediavelmente perder.

## ARQUITECTO PÁDUA RAMOS

(Continuado da pág. 3)

mente desconhecido do grande público». Não temos bem a certeza se assim é. O seu nome extrapolou para além da fronteira portuense. Ele é sobretudo e acima de tudo um arquitecto português. Tem sido chamado para variadas partes como se pôde ver na exposição realizada.

No tal perfil o arquitecto refere-se a Fão com muito carinho: «gosto muito desta vila minhota. Tenho ali bons amigos. Depois do Porto é a minha segunda terra».

A propósito, Bombeiros de Fão: não será possível levar esta exposição para o Salão Nobre, por alturas das festas do Senhor de Fão? Seria um «número» das festas que daria muito brilho às mesmas.

 **Optica**  
*Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA.

## GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarelho  
José Ramos da Silva  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira  
João Pedras

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.






# T

# URISMO

Coordenação de ARMANDO SARAIVA



ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA DO LITORAL DE ESPOSENDE

**No dia 20 de Março foi empossado o Conselho Geral da APPLE a que preside o Eng. José Luís Silva Gonçalves.**

A orla marítima portuguesa é, na sua grande maioria, extremamente sensível.

Estando sujeita aos efeitos naturais e antropomórficos, desde longa data a sua protecção preocupou o poder, como forma de salvaguardar os terrenos agrícolas e povoados que nas suas proximidades se foram instalando.

Surgiram, deste modo, ao longo da costa, extensas manchas de pinhal, sobretudo nas áreas onde a fixação das areias era mais premente.

Num passado recente, as áreas costeiras começaram a exercer sobre as populações urbanas uma apetência especial, como zona de lazer, o que, por arrasto, trouxe para as gentes locais um especial interesse na especulação imobiliária e a alteração dos usos tradicionais destes espaços (piscatório, recolha de sargaço e agricultura), originando processos de degradação tanto do património natural como cultural e paisagístico.

Surgem os loteamentos, as construções clandestinas, a transformação funcional de certos povoados ligados às artes do mar, o urbanismo desordenado, a destruição da vegetação dunar pelo pisoteio, a deposição de lixos e extracção de areia, sacrificando-se ecossistemas de rara importância, pondo-se em risco terrenos agrícolas de elevada produtividade e a segurança e resguardo dos aglomerados urbanos que lhes estão anexos.

Daqui se infere que se torna necessário desenvolver esforços na procura de mecanismos que permitam uma melhor e mais racional utilização destes recursos naturais, com um mínimo de efeitos sobre o ambiente e um máximo de proveitos para o Homem...

**FALTA DE ESPAÇO**

Devido ao excesso de colaboração não houve espaço para alguns textos: secção de futebol, uma carta de Óscar Viana, e notícia sobre a homenagem ao P. e Manuel Borda que contamos inserir no número especial que sairá antes do Senhor de Fão.

A faixa costeira do Concelho de Esposende, à semelhança do resto do país, não escapou a estes efeitos.

Noutros tempos, as populações locais e aquelas um pouco mais do interior, deslocavam-se à beira-mar para a pesca ou apanha do sargaço. Nos locais mais baixos foram procedendo ao desmonte da duna para instalação do sistema de agricultura em maceiras, que lhes facultava o abrigo dos ventos do mar, as vantagens da humidade atmosférica permanente, a proximidade do lençol freático, diminuindo a necessidade de regas, a utilização local dos adubos naturais (sargaço e pilado), extraído do mar, o que lhes permitia sobretudo uma horticultura de elevada produção e valor, e um perfeito equilíbrio com a natureza.

A busca destes espaços pelas populações do interior, com intuitos de lazer, iniciou os desequilíbrios, ocorrendo os loteamentos, as construções anárquicas inclusive sobre a duna primária, e todo o rosário de problemas que lhes estão subjacentes.

A fim de, conjuntamente com as outras entidades nacionais e locais com intervenção na área, compatibilizar a defesa dos valores naturais e paisagísticos nela existentes com o seu desenvolvimento como espaço de lazer, foi criada pelo Dec. Lei 357/87 de 17 de Novembro a **ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA DO LITORAL DE ESPOSENDE**.

A criação desta área protegida tem por objectivo:

- Preservar o sistema dunar, cujo papel ecológico e de protecção dos ecossistemas interiores é fundamental.
- Ordenar a ocupação e utilização deste espaço, de acordo com a sua capacidade de acolhimento, por forma a obstar à sua degradação.
- Aproveitar e enquadrar a vocação turístico-recreativa da área.
- Regular o processo de privatização da faixa costeira, proporcionando o máximo de possibilidades do seu uso público.

Para prosseguir os objectivos propostos, prevê-se levar a cabo actuações, entre outras, nas seguintes áreas:

**O NOVO FANGUEIRO FÃO**

## 1 - CARACTERIZAÇÃO E TECÇÃO DO SISTEMA DUNAR

Como forma de obter dados sobre a sua evolução, incidência dos processos de degradação, forma de os evitar e meios para promover a sua recuperação e manutenção.

## 2 - RECUPERAÇÃO E VALORIZAÇÃO TURÍSTICA DO LITORAL

Tornando o espaço mais adequado ao seu uso turístico, através do ordenamento dos fluxos, de processos de manutenção da limpeza da área; do melhoramento dos acessos às praias e criação de locais de estacionamento de viaturas e de merendas, arranjos paisagísticos, estabelecimento de apoios de praia e pesca; sinalização; aquisição de áreas de elevada significância cénica ou ambiental.

